

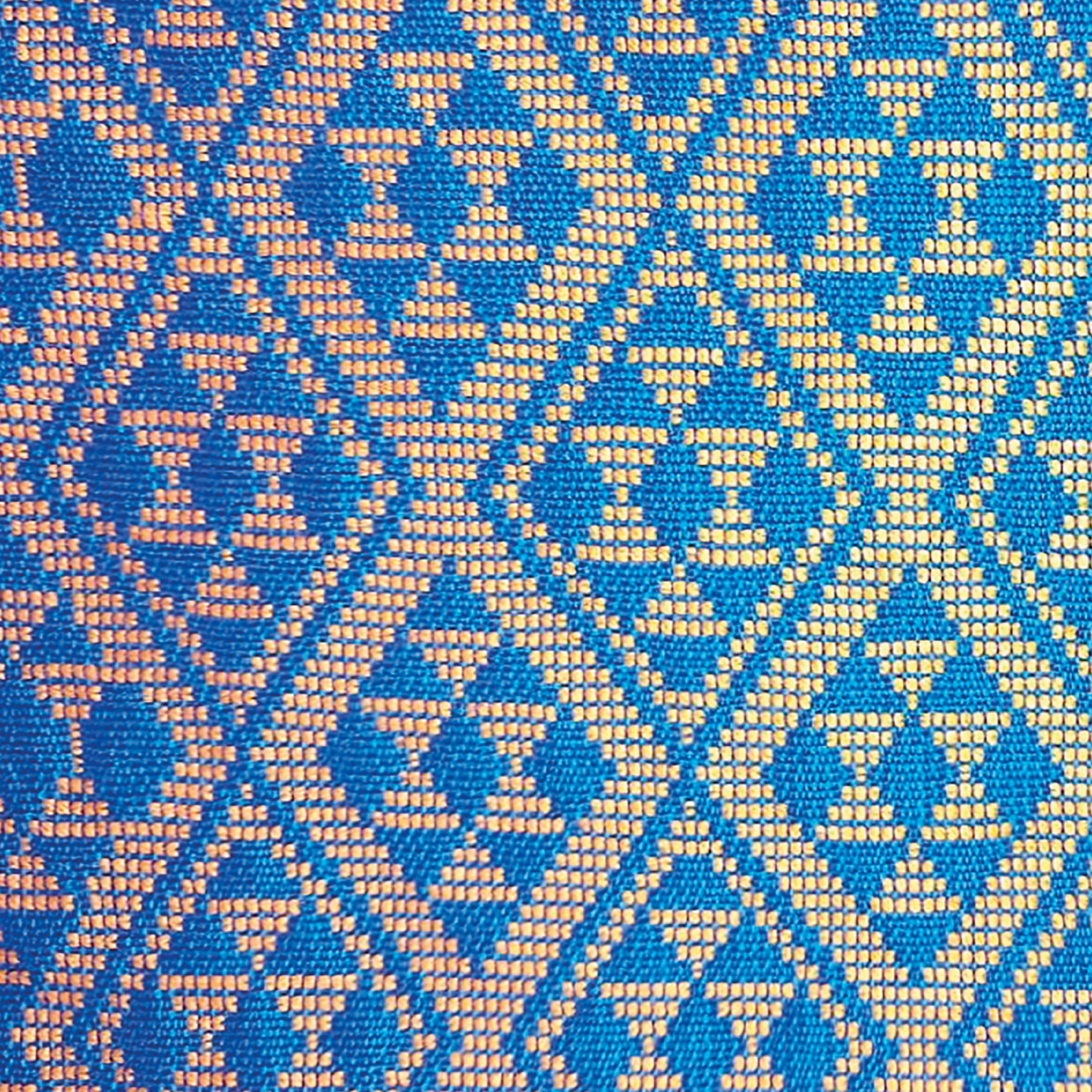
CONTOS ALÉM-MAR




Coleção:
Ilhas e Encantamentos
Guiné-Bissau

Autor:
Contos populares

Ilustrações:
Cor Laranja (Inspiradas nos desenhos
do Grupo Literário e alunos da Escola
Salvador Allende (coord. Jorge Otinta))

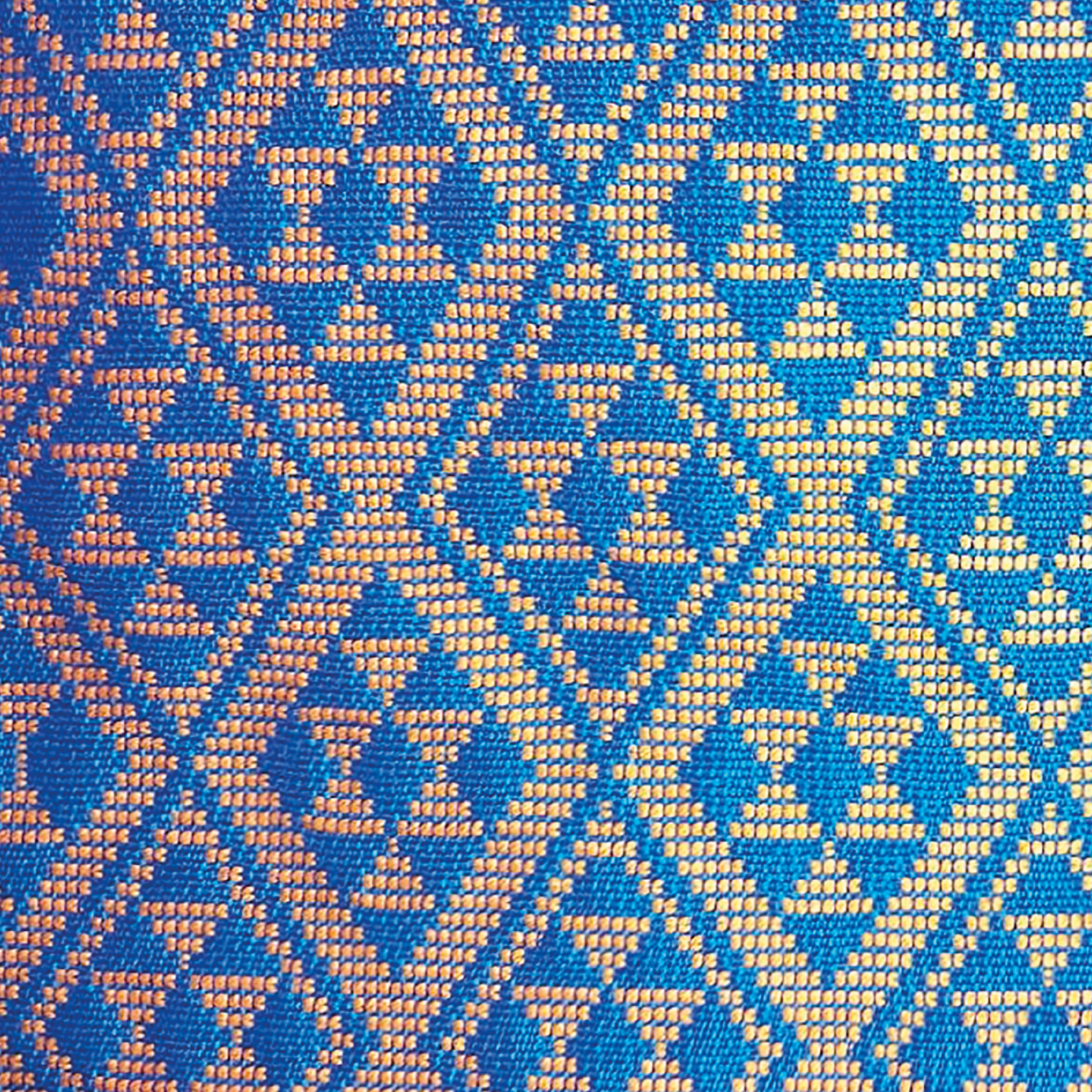




Este livro faz parte de uma coleção de 12 títulos, editada no âmbito do projeto **“Ilhas e Encantamentos- Reforço do setor da literatura infantojuvenil e de emprego cultural criativo”**.

O projeto integra vários territórios – **Ilha de Moçambique, Cidade Velha e Ilha do Maio (Cabo Verde)**, arquipélago dos **Bijagós (Guiné Bissau)** e **Ilhas de São Tomé e do Príncipe** – todos eles com um património material, imaterial e natural único, que se pretende mobilizar para a criação e publicação de literatura para a infância e juventude.


Ao leres este livro ficas a saber o que de melhor tem o nosso património... As nossas estórias, as nossas memórias e o nosso saber-fazer.



The image features a white silhouette of the map of Guinea-Bissau centered on a background of a blue and yellow woven fabric. The fabric has a repeating pattern of small yellow squares on a blue background, creating a textured, grid-like appearance. The map's outline is irregular, following the geographical shape of the country.

Guiné-Bissau

O pano de tear (Pano de Pinti) da Guiné-Bissau embute práticas sociais e culturais que incutem de arte, história, semiótica e cerimónia. Simboliza o valor criativo da memória, da tradição e da cultura dos antepassados. Preservar, divulgar e promover o pano de pente da Guiné-Bissau é quase uma obrigação... O conhecimento tradicional e o seu valor simbólico são legados que se devem deixar às gerações futuras. Os artesãos, estas mãos hábeis que tecem os fios de algodão, exibem sabedoria ética e ecológica ao criar seus projetos, como tecidos artesanais, os panos de pinti.



É surpreendente como, ao longo de ainda só um ano deste projeto, fomos vendo e (re)viendo temas que encantaram os jovens: Identidade, Património, Criatividade, Ancestralidade e tradições populares... estamos convencidos que, ao longo destes primeiros 12 meses, a mensagem passada através de varias atividades desenvolvidas fortaleceu nos jovens, um sólido senso de pertença ao grupo étnico e suas tradições, referido como identidade ao longo das varias abordagens... Mensagens que enfatizam o orgulho étnico, histórias e tradições, que ajudam a promover a identidade positiva de “guinendade”

Agradecemos por isso aos formadores excepcionais, professor João Cornélio Gomes Correia, professor Jorge Otinta, ao grupo de jovens literários, aos mestres da cooperativa Artissal, aos diretores e professores das escolas de ensino complementar que participaram em diversas ações.

Acreditamos que, no mundo moderno de hoje, cheio de variáveis, tecnologia e informação rápida, falta de tempo e muitas escolhas exige exercícios cada vez mais específicos e oportunos para ensinar os adolescentes e os jovens, a se manterem no caminho certo e trilharem caminhos de escolhas, influências e autoimagens mais confiantes.

Artissal 2022 Guine Bissau

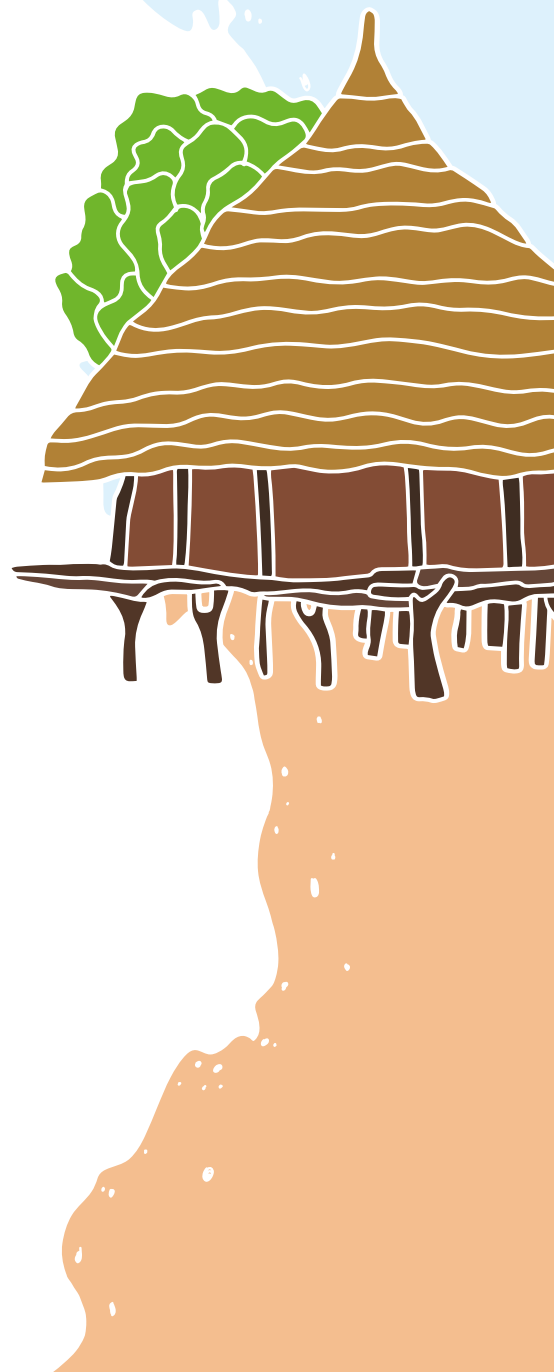
.....elas (as estórias n.a) carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencendo a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma casa particular)

A identidade cultural na pós-modernidade

Stuart Hall, 2014

OKINKA
PAMPA

Okinka Pampa, também conhecida como Pampa Kanyimpa, ou Ocanto, foi rainha da Ilha Orango Grande, no arquipélago dos Bijagós, e residia na aldeia de Etikoga, situada na zona noroeste da Ilha. Sucedeu como governante da ilha, no período de 1910-1930, ao seu pai, Bankanyapa, sendo auxiliada por um conselho composto por 10 mulheres e cinco homens.



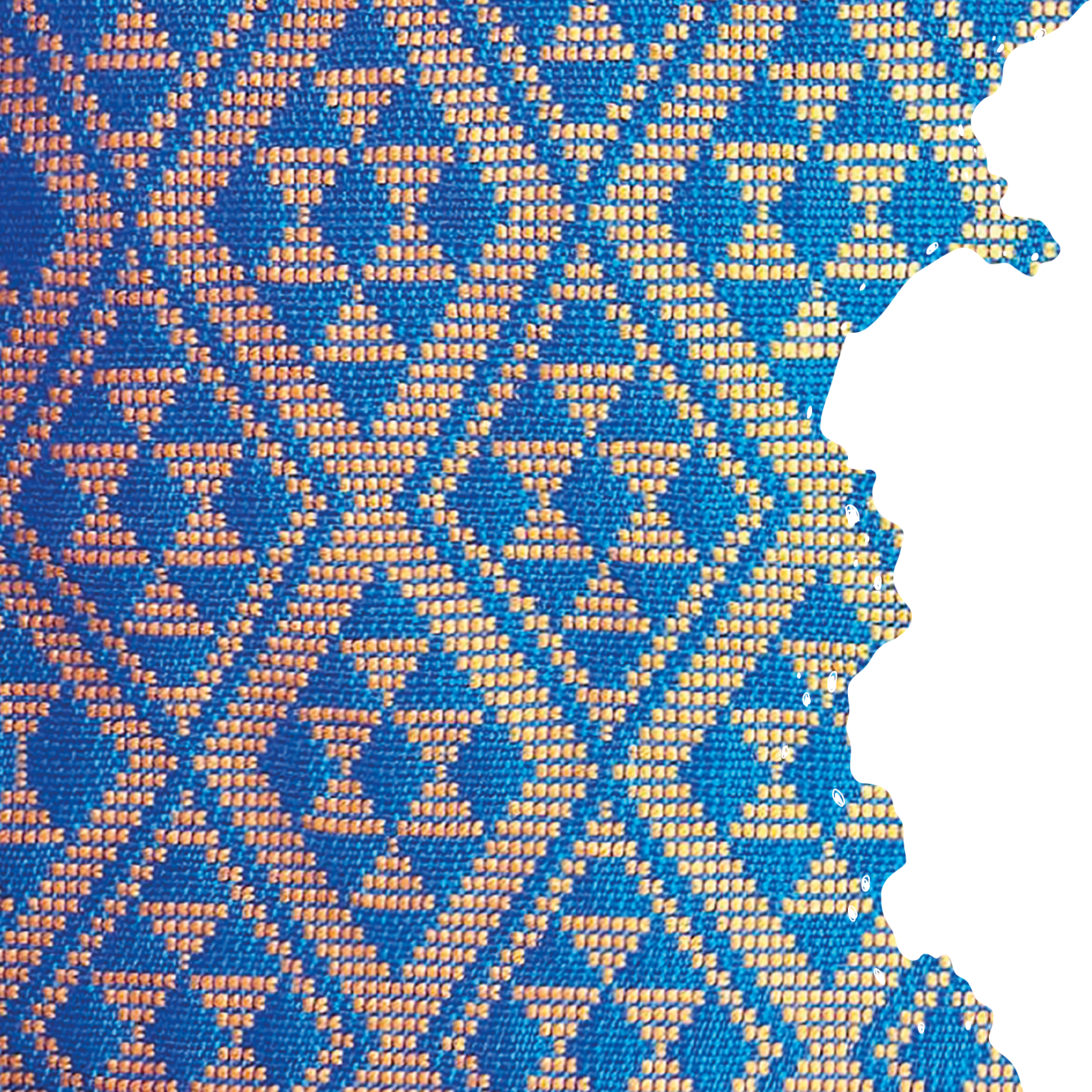


10





Okinka Pampa representa um património cultural de grande importância pois foi uma mulher que lutou contra a ocupação da sua ilha. Foi considerada uma mulher sábia e de garra porque remava, com as próprias mãos, da ilha de Orango até Bissau, na ida e na volta. Com a autoridade que detinha, resistiu durante algum tempo às “campanhas de pacificação” - nome dado pelos portugueses à guerra de conquista dos povos africanos que caíram sob seu domínio - tendo, no entanto, acabado por assinar um tratado de paz. Morreu, com mais de cem anos de idade, de causas naturais.



ESTÓRIA
DE PAMPA
KANYIMPA

Pampa Kanyimpa era filha única de uma família rica, família da casta (Djorson em crioulo) ORAGA e vivia com o seu pai e a sua mãe.

Como Pampa Kanyimpa não saía de casa, organizaram-lhe uma grande festa para ela poder conviver com os seus amigos. Apareceram tantos moradores da tabanca que tiveram, até, que matar um touro, e fazer a festa fora da tabanca...e tudo isto só para ver a beleza de Kanyimpa, que era, na verdade, muito bonita.

Infelizmente, quando chegou a hora de ir para a festa, os pais de Kanyimpa não lhe permitiram sair de casa, com medo de que as pessoas da ilha invejassem a sua beleza.









O facto de os pais a impedirem de ir à festa causou-lhe uma grande dor e a menina pôs-se a chorar. Quando a noite chegou, ela esperou que o seu pai e a sua mãe fossem dormir... pulou a janela e foi para o baile.

Todos a esperavam!

No baile ela encontrou o seu namorado, que estava bem vestido e orgulhoso de ter uma namorada tão bonita ao seu lado.

Enquanto Kanyimpa conversava com o namorado e comia, todos olhavam para ela admirados com a sua beleza. Tanta era a sua beleza que vários meninos se aproximaram só para ver a Kanyimpa de perto.

Uma anciã apareceu e começou a afugentar os meninos, mas sua intenção era matar a menina bonita, com um veneno que tinha nas unhas e que queria pôr no prato de Kanyimpa assim que conseguiu fazê-lo, a velha foi-se embora e a menina ingeriu o veneno sem perceber.

Logo de seguida seu estômago começou a “embrulhar”, a ficar mal disposta...mas ficou com vergonha de contar ao seu namorado o que se passava. Chamou os seus amigos para ficarem com o namorado e resolveu sair depressa, a correr, para casa. Assim que chegou acordou o seu pai e sua mãe e contou-lhes o que tinha acontecido. De imediato foi chamado de urgência o “djambacus” (feiticeiro) da tabanca que, durante três dias e três noites, tratou a menina com poções e mesinhas da terra. Por ter sido tão forte a combater o veneno, a aldeia toda ficou convencida da sua coragem.

- Ela será a nossa rainha! - pensavam todos.

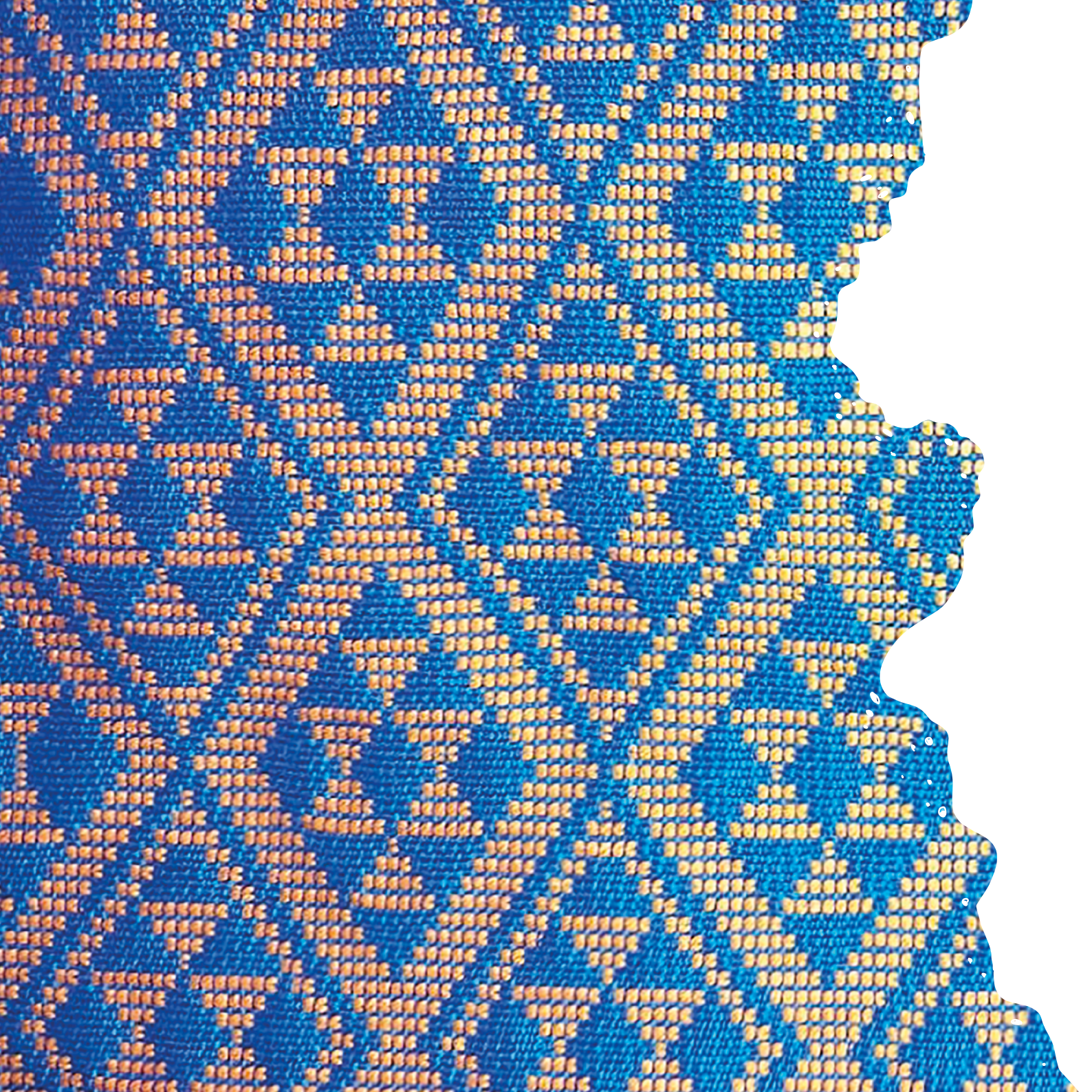
E assim foi.

Mais tarde, já com quase 30 anos, a Kanyimpa foi coroada Okinka Pampa Kanyimpa rainha de Orango, Bijagós





19

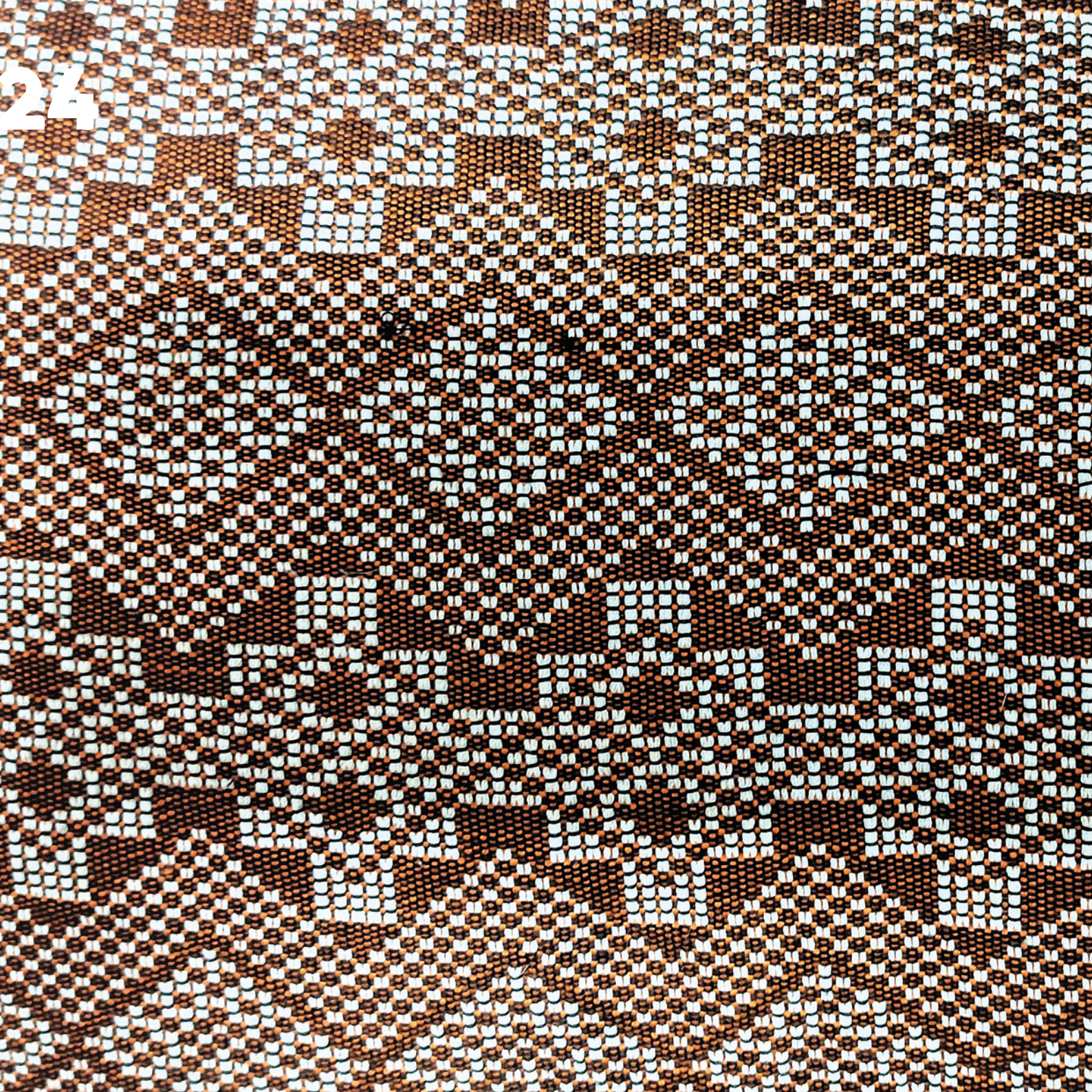


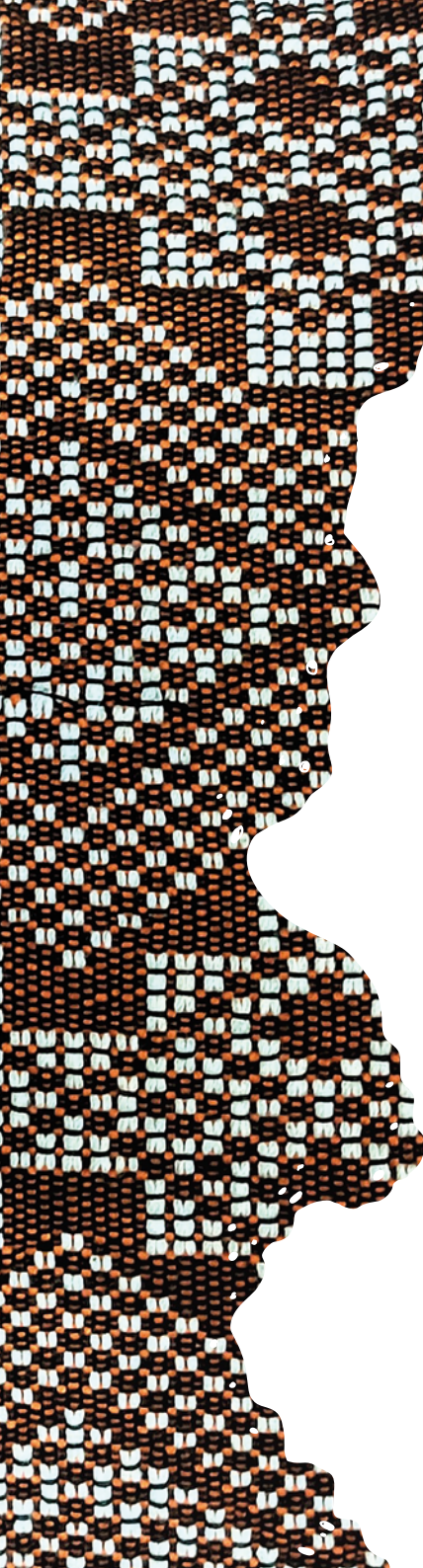
PANO
DI PINTI

O pano di pinti surgiu através de um homem de etnia manjaca, na aldeia de Calequisse, na Guiné-Bissau. Os mais velhos contam que esse homem estava a caminhar e no caminho avistou um Irã fazendo o pano. O homem escondeu-se e ficou observando, passo a passo, a forma como o Irã fazia o pano. Depois, seguiu para casa, e lá começou a tentar fazer o mesmo que o Irã fazia.

Os mais velhos também contam que em troca de toda a sabedoria, o homem fez um pacto com o Irã: nunca divulgaria a arte de tecer o pano.

24





O pano “de pinti” é dividido em pano lanceado e pano pesado (ou pano de obra). O pano lanceado é usado como vestuário normal, no inteiro, é utilizado por qualquer etnia, considerado o tipo de pano mais simples. O pano pesado, ou pano de obra, é utilizado em casamentos, cerimónias fúnebres, etc... e é considerado um património cultural de grande importância, porque é usado desde o nascimento até a morte.

“No seu ambiente natural, o tradicional jumbai¹ que retém noite a noite, em qualquer canto da tabanca debaixo de um polon² ou no meio da morança, homens, mulheres e crianças de todas as idades, as histórias costumam aparecer entre as adivinhas, ditos, passadas, provérbios e cantigas”

(CARREIRO, 2010).

¹ Djumbai sintadu - termo muito utilizado na Guiné Bissau que significa encontro onde as pessoas contam coisas, cantam, etc., n.r

² Arvore centenária, sagrada para algumas etnias da Guine Bissau-n.r

Era uma vez, um homem que vivia numa aldeia chamada Callequisse. Trabalhava muito e cuidava da sua família como podia. Ia ao mato e subia as palmeiras. Furava os seus troncos e punha, cuidadosamente, o gargalho de uma garrafa debaixo do corte. Durante semanas extraia o líquido turvo, mas muito apreciado: a seiva...o sumo da palmeira, que depois transformava em vinho, que vendia por 500 francos o litro. A sua mulher e o filho maior trabalhavam no campo, no cultivo do arroz, da mancarra e do nhambi. Apesar disso, nunca tinha comida que chegasse para as 7 bocas da sua casa.









Um dia, quando estava a ir para o mato, seguiu os rastros estranhos que viu num trilho que o levou até uma clareira... e viu um Irã, (Deus dos animistas) a fazer algo no chão: uma espécie de ligadura com imensos fios, que ele depois, cuidadosamente, dividia e amarrava. No chão, outra coisa mais estranha ainda...dois paus amarrados, umas ripas atravessadas e uma pedra enorme à frente.

O Irã fazia os fios bailarem nos dedos grossos e peludos e ao sentar-se na pedra em frente ao tear, manejava os pedais com maestria. Uma faixa estreita, igualmente brilhante, “corria-lhe” pelas pernas dobradas e a seguir “beijava” o solo onde ficava amontoada, a crescer, a crescer...

O homem foi visto pelo Irã. Queria correr mas não conseguiu ..foi visto! ... -Vou-te matar - disse o Irã - Viste demasiado, descobriste o meu segredo.

O homem ficou petrificado e não se mexia ...surgiu-lhe um pensamento...disse com voz segura:

- Eu nunca vou revelar o teu segredo, vamos fazer um pacto. E o Irã aceitou, mas disse: - Se um dia deixas uma mulher ver como tu fazes o pano, vais morrer.


No dia seguinte, o homem voltou para seu mato e construiu uma barraca. Com fios finos de palmeira fez a urdidura como o Irã o tinha ensinado, e começou a tecer. Maravilhava-se sozinho, ao ver o que conseguia.

Mandou comprar linha e começou a tecer lindas faixas....









Um dia, a sua mulher veio de surpresa ao mato, à sua procura, para lhe entregar a comida que tinha feito para ele. Surpreendido, ele gritou:

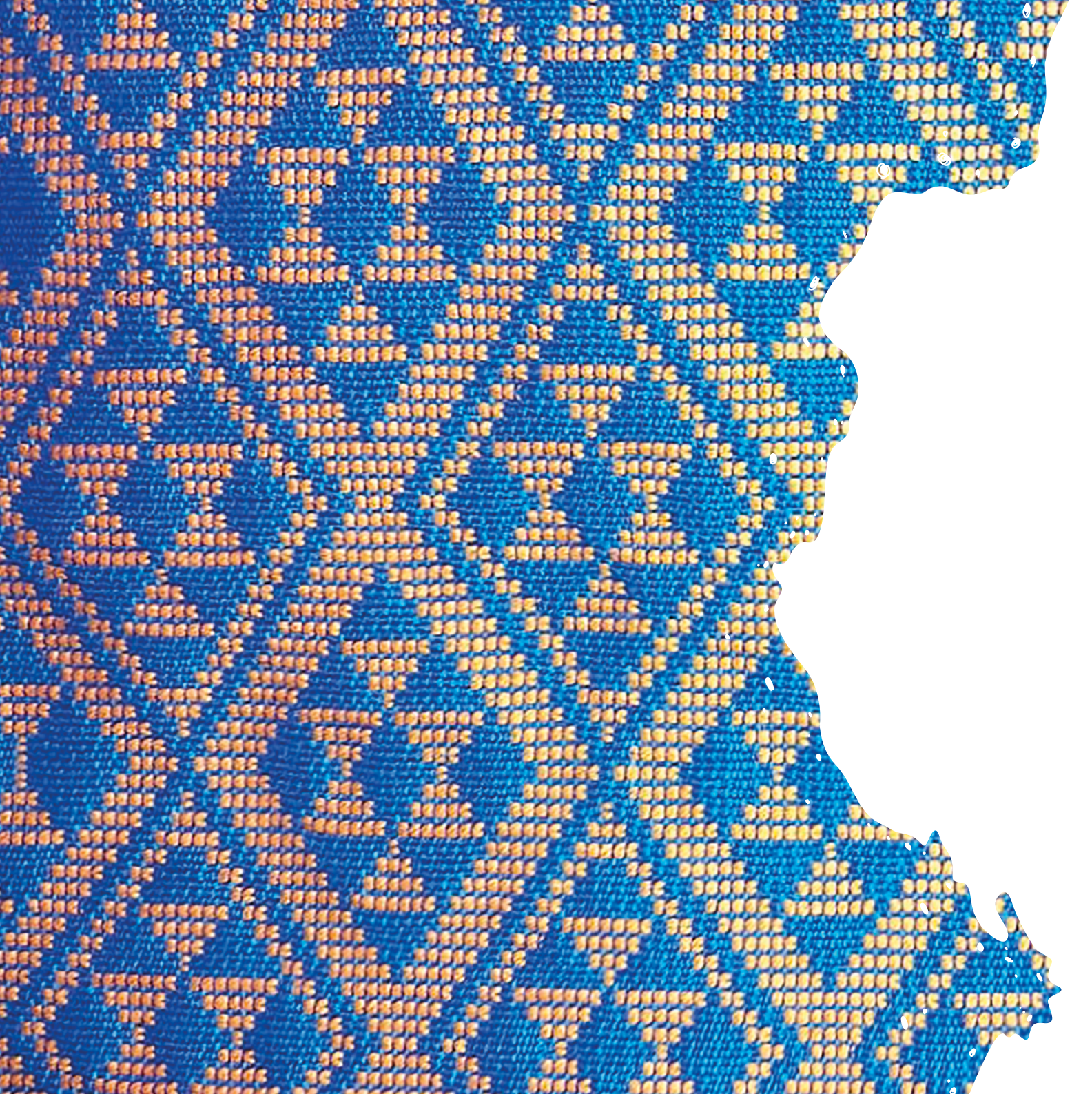
- Não te aproximes!!!!

Mas a mulher não obedeceu, pois, ao ver o que ele fazia, ficou de boca aberta.

O homem, certo de que iria morrer em seguida, por o pacto feito com o Irã ficar quebrado, ajoelhou-se e começou a implorar...

O homem tecelão ficou triste, mas agradecido por não ter morrido. Mas a mulher transformou-se numa serpente, um irancego, que se tentava aproximar dele e enroscar-se no monte de faixas que se tinham formado no chão.

O pano de obra “Badjuda irancego” foi tecido por aquele homem tecelão em honra a sua mulher...e é um dos panos de pinti mais apreciados na Guine Bissau.



Ficha Técnica

Título: Contos além-mar

Autor: Contos populares

Ilustrações: Cor Laranja (Inspirados nos desenhos do Grupo Literário e alunos da Escola Salvador Allende (coord. Jorge Otinta))

Coordenação Editorial: Rovena Ferreira, João Cornélio G. Correia e Mariana Ferreira

Coordenação Geral : Associação Marquês de Valle Flôr e SPHAERA MUNDI

Edição: 1ª Edição

Volume 1

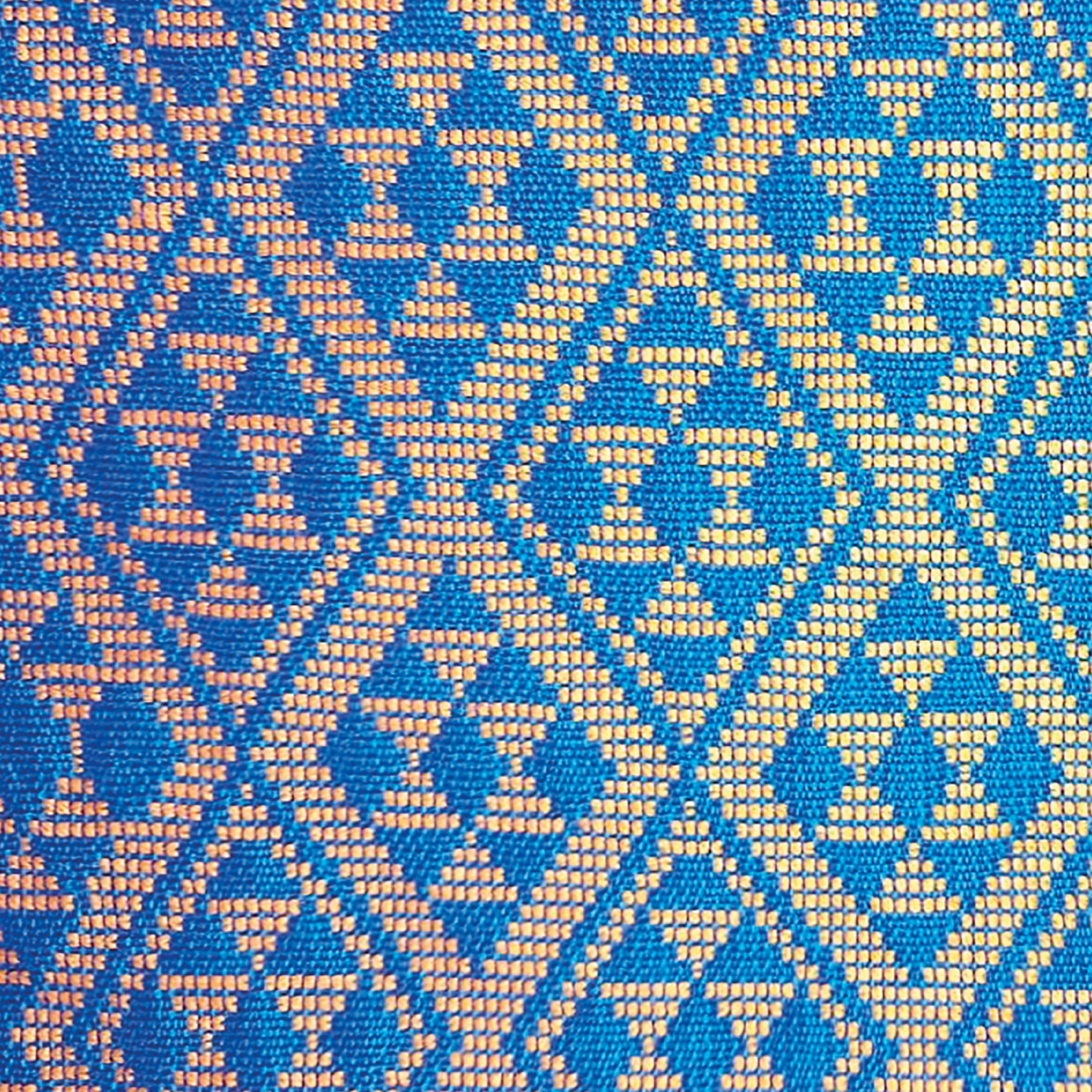
Design e Paginação: A Cor Laranja

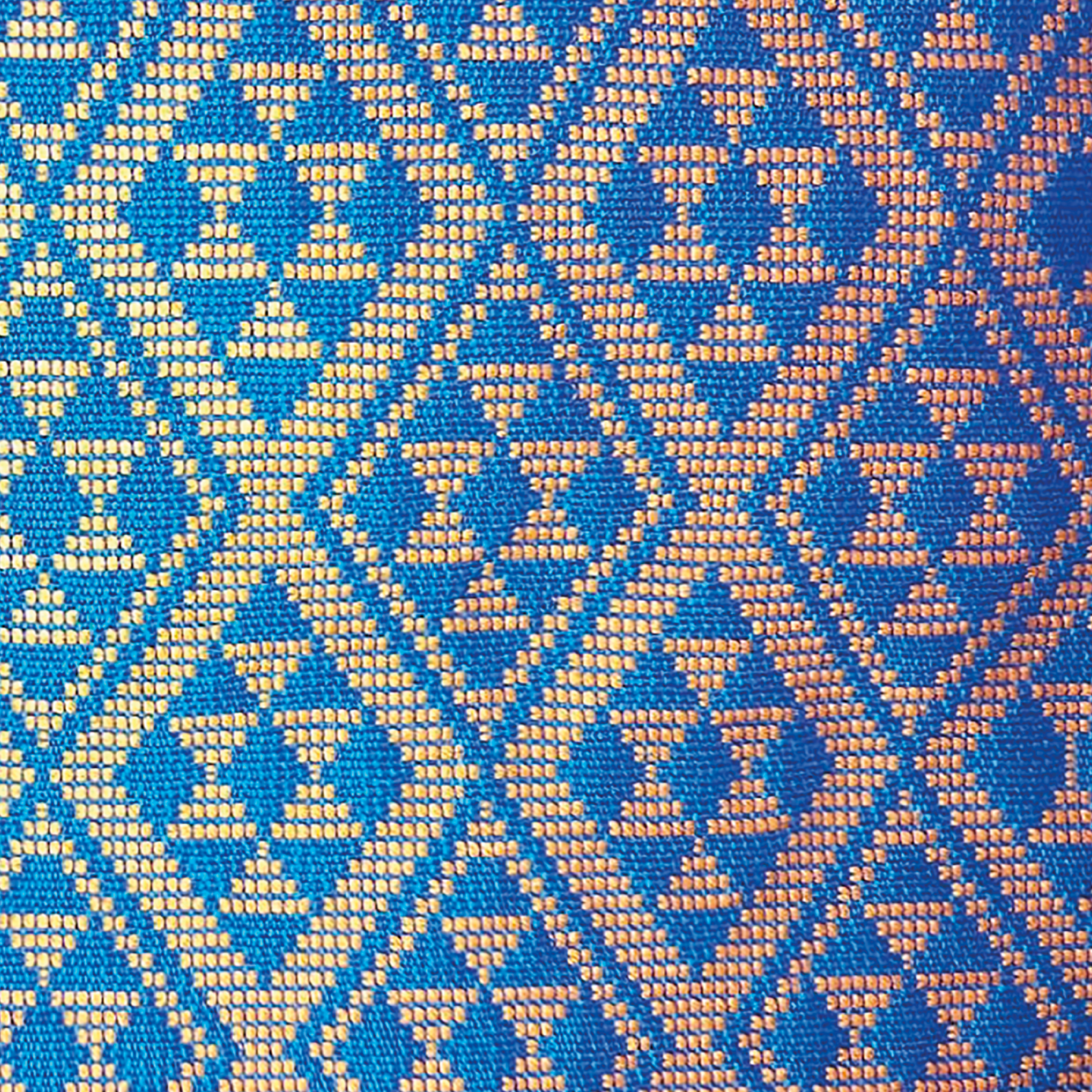
Impressão: Onda Grafe

Tiragem: 100 exemplares

ISBN: 978-989-53141-3-3

Ano: 2022





ILHAS E ENCANTAMENTOS



ilhasencantamentos.org

Esta publicação foi produzida com o apoio financeiro da União Europeia. O seu conteúdo é da exclusiva responsabilidade dos seus autores e não reflete necessariamente a posição da União Europeia.

Esta publicação foi produzida com cofinanciamento do Camões, I.P. Os conteúdos são da responsabilidade exclusiva dos seus autores. Nem o Camões, I.P, nem qualquer pessoa agindo em seu nome é responsável pela utilização que possa ser dada às informações contidas na presente publicação. O seu conteúdo não implica a expressão de opinião do Camões, I.P ou do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal. A referência a ações, produtos, ferramentas ou serviços específicos não implica que estes sejam apoiados ou recomendados pelo Camões, I.P, ou que lhes seja atribuída qualquer preferência relativamente a outros não são mencionados.



Casa da Cultura
de São Tomé e Príncipe

Ação financiada pela União Europeia, cofinanciada e gerida pelo Camões, I.P.